

## BÍBLIAS VULGATAS BRASILEIRAS: RELAÇÕES ENTRE TRADUÇÃO E LINGUAGEM

## VULGATE BIBLES IN BRAZIL: RELATIONS BETWEEN TRANSLATION AND LANGUAGE



Francinaldo de Souza LIMA  
Pesquisador Autônomo  
Brasília, Distrito Federal, Brasil  
<https://orcid.org/0000-0003-4484-2157>  
francinaldodesouza@gmail.com

**Resumo:** A partir da década de 1960, traduções bíblicas preocupadas em acompanhar a evolução das línguas e em fornecer o texto bíblico de forma mais compreensível passaram a ser produzidas em várias línguas. O trabalho sobre a linguagem, adjetivada como contemporânea e/ou facilitada, é um dos principais slogans desses projetos tradutórios. Este trabalho tem por objetivo analisar os discursos sobre a relação entre o fenômeno tradutório e o tratamento dado à linguagem, veiculados em traduções bíblicas vulgatas brasileiras. Trata-se de uma pesquisa descritiva, qualitativa, de cunho bibliográfico e documental. O *corpus* é composto por excertos encontrados em elementos paratextuais de traduções bíblicas vulgatas brasileiras, os quais versam sobre o fenômeno tradutório e o trabalho realizado com a linguagem. As noções encontradas foram discutidas com base em fundamentos teórico-metodológicos pertinentes, dentre os quais: Nida (1964), Gohn (2001), Konings (2009), Teixeira e Zimmer (2008), Lopes (2008) e Nord (2016). A análise do *corpus* permitiu-nos constatar a predominância de dois discursos: o de que esses projetos tradutórios promovem o triunfo do texto bíblico sobre seu distanciamento temporal, ajudando a atualizar a linguagem bíblica, e o de a leitura da Bíblia pode ser facilitada pela linguagem empregada na tradução, principalmente em razão da aplicação do método da equivalência funcional. A discussão teórico-metodológica indicou que a dinamicidade das línguas e o confronto causado entre a linguagem “contemporânea” e a “tradicional” já consolidada na consciência linguística dos leitores/ouvintes da Bíblia ameaçam a sobrevida de tais traduções. Além disso, na busca pela simplificação da linguagem, as equipes de tradução lançam mão de estratégias linguísticas que visam a tornar o texto bíblico compreensível. Em consequência, apesar da promoção da democratização do acesso ao texto bíblico, acaba gerando dificuldades à recepção do texto, uma vez que a linguagem dessas traduções se propõe acessível a todos, mas, ao mesmo tempo, pode não ser reconhecida por ninguém em específico.

**Palavras-chave:** Tradução bíblica. Bíblias vulgatas. Textos sensíveis. Elementos paratextuais. Projeto tradutório.

**Abstract:** Since the 1960s, biblical translations concerned with accompanying the evolution of languages and rendering the biblical text in a more comprehensible way started to be presented in various languages. The work on current or adapted-qualified language is one of the main slogans of these translation projects. This paper aims to analyze the discourses on the relationship between the translation phenomenon and the treatment of language conveyed in Brazilian Vulgate biblical translations. This is a descriptive, qualitative, bibliographical and documentary research. The corpus consists of excerpts found in paratextual elements of Brazilian Vulgate biblical translations, these excerpts deal with the translation phenomenon and the work done on language for such Bibles. The perceptions evidenced in them were discussed based on Nida (1964), Gohn (2001), Konings (2009), Teixeira and Zimmer (2008), Lopes (2008) and Nord (2016). The analysis of the corpus allowed us to see the predominance of two discourses: first, the translation projects promote the triumph of the biblical text over the distance between us and its temporal setting, which aids the updating of the biblical language; second, the comprehension of the Bible can be facilitated by the language used for the translation, which is mainly due to the application of the



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da *Licença Creative Commons* Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

*This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.*

---

functional equivalence method. The theoretical-methodological discussion indicates that the dynamics of languages and the confrontation between “contemporary” and “traditional” language already consolidated in the linguistic awareness of Bible readers or listeners threaten the survival of such translations. In addition, in the quest for language simplification, translation teams use language strategies to make the biblical text comprehensible. Consequently, despite promoting the democratization of the biblical text, the result is that the text is not well-received – for the language of these translations is accessible to all, but at the same time it may not be recognized by anyone in particular.

**Keywords:** Bible translation Vulgate Bibles. Sensitive texts. Paratextual elements. Translation project.

## Introdução

116 **A**o longo de sua história, a tradução bíblica enfrentou, entre muitos outros, o desafio da linguagem. Inicialmente enfrentou o primado do latim como idioma eclesiástico oficial sobre os idiomas vernaculares, o que levou à produção da *Vulgata Latina* no século IV por Jerônimo. Esta tradução foi considerada mais tarde, no século XVI, a tradução oficial da Igreja Católica Apostólica Romana e o texto-padrão para a maioria das traduções católicas até o século XX (MILLER; HUBER, 2006, p. 108). Desde então, muitas traduções foram realizadas usando um padrão culto formal, por vezes erudito, das línguas para as quais foram traduzidas (TEIXEIRA; ZIMMER, 2008, p. 56). Diante da preferência pelo método de tradução literal, cujo foco é o texto-fonte, a Bíblia tem sofrido com o estigma de ser um livro de difícil leitura. Teixeira e Zimmer (2008, p. 55) apontam, por exemplo, que a *Tradução Brasileira*, publicada integralmente em 1917, não logrou relevante aceitação entre os potenciais leitores por empregar estilo consideravelmente erudito de linguagem.

Todavia, alguns projetos tradutórios se prestaram a ser uma alternativa a tal barreira. Alguns movimentos insurgentes anteriores à Reforma Protestante no século XVI, como o dos loldardos e o dos valdenses, já defendiam a democratização do acesso à Bíblia, seja por meio da pregação leiga, seja por meio da tradução; ambas em língua vernácula. Já entre os reformadores, Lutero se destaca como o tradutor da Bíblia para o alemão, a qual, muito mais que uma tradução, é uma obra que enriqueceu e contribuiu para a formação dessa língua (NAMA *et al*, 1998, p. 62). Conforme explica Furlan (2004, p. 12), “Lutero advoga por uma tradução retórica (*propietas, perspicuitas, consuetudo*) e de estilo popular, não com fins estéticos, mas comunicativos – a compreensibilidade do texto e o leitor –, salvaguardando sempre a mensagem divina”. Ainda que a Bíblia continuasse sendo traduzida sob o registro formal, as traduções em línguas vernaculares já demonstravam preocupação e interesses maiores pelo contexto-alvo (leitores, línguas e culturas).

No Brasil, movidos pelos princípios descritos acima, agentes da patronagem da tradução bíblica (como a Sociedade Bíblica do Brasil, editoras confessionais cristãs e diferentes grupos

---

denominacionais) empreenderam esforços para publicar traduções bíblicas preocupadas com o registro da linguagem e com como isso poderia afetar a leitura do texto por parte do leitor; Lima (2019) quantificou pelo menos nove projetos tradutórios completos dessa natureza. Referências bibliográficas sobre o tema denominam essas traduções como “bíblias em linguagem contemporânea”, na “linguagem de hoje” ou em “linguagem comum” (SAYÃO, 2003; TEIXEIRA; ZIMMER, 2008; CARMO; MELO, 2013; GIRALDI, 2013; RAUPP, 2015). Todavia, a fim de evitar discussões sobre o conceito de contemporaneidade, preferimos adotar a nomenclatura utilizada por Konings (2009) de “bíblias vulgatas”, em oposição a “bíblias eruditas”, pois “têm a pretensão de falar a linguagem do *vulgus*, do povo. Bíblias eruditas não são ‘vulgatas’ munidas de aparato erudito, mas traduções que são eruditas em si mesmas, por causa de sua linguagem” (KONINGS, 2009, p. 121).

Nessa prática, os leitores acabam sendo atraídos por estratégias tradutórias e editoriais que visam ao consumo de cada nova tradução bíblica publicada no mercado. Este trabalho objetiva, assim, discutir as relações entre o fenômeno tradutório e o trabalho realizado com a linguagem veiculadas em traduções bíblicas vulgatas brasileiras. Trata-se de uma pesquisa descritiva, qualitativa, de cunho bibliográfico e documental. O *corpus* é composto por excertos encontrados em elementos paratextuais dessas traduções, os quais dizem respeito ao trabalho com a linguagem realizado via tradução (como escolha do registro de linguagem, recurso a estratégias de clarificação e escolhas lexicais, por exemplo). As concepções<sup>1</sup> encontradas foram discutidas com base em fundamentos teórico-metodológicos de pelo menos duas vertentes gerais: a formal, que privilegia elementos como a forma, e a funcional, preocupada com elementos como o sentido e o público-alvo (NIDA, 1964; KONINGS, 2009; NORD, 2016; MESCHONNIC, 2010). Além desta Introdução, este artigo está estruturado em outras quatro seções, respectivamente: a contextualização histórica, seguida da contextualização teórico-metodológica das bíblias vulgatas, a análise do *corpus* e a indicação às considerações finais.

117

## **1 Bíblias vulgatas brasileiras: breve percurso histórico**

Cristianismo e tradução sempre caminharam juntos. “Possivelmente mais do que qualquer outra religião, o cristianismo aceitou com entusiasmo a tradução como um meio de difundir seus textos fundamentais”, dizem Simon *et al.* (1998, p. 177). Na medida em que a fé cristã se espalhava territorialmente, os escritos que mais tarde comporiam a Bíblia iam sendo difundidos e, também, traduzidos para que as novas comunidades de fé fossem instruídas (GEISLER, NIX, 2006). Com o fim da perseguição e a institucionalização da Igreja Cristã pelo

---

Império Romano no século IV, houve a compilação da Bíblia como a conhecemos atualmente e, a partir de então, ao longo da Idade Média, a tradução bíblica foi ganhando cada vez mais força, passando, progressiva e conturbadamente, de uma fase de não tradução para uma de tradução. Ou seja, saindo da primazia da Vulgata Latina enquanto tradução oficial (e do latim como língua oficial dos ritos litúrgicos) da Igreja Católica Romana<sup>2</sup> para a difusão das chamadas traduções bíblicas vernaculares.

Quando o Concílio de Trento (1546) instituiu uma tradução oficial para a Igreja Católica Apostólica Romana, a *Vulgata Latina*, qualquer outra tradução em outros idiomas/vernáculos foi condenada sob temor de heresia e de proliferação de interpretações outras que não a oficial da Igreja. Ao longo da Idade Média, desafiar esse cenário e propor traduções foi assunto complexo, tendo, por exemplo, custado a vida de Willian Tyndale, condenado à morte como herege, e a tranquilidade de Martinho Lutero, excomungado e perseguido por sua tradução, ensinamentos e atitudes perante o que acreditava ser necessário reformar na Igreja Católica Romana. Ainda assim, a tradução bíblica perseverou e se intensificou nos séculos posteriores, principalmente entre os protestantes, de tal modo que, “durante o século XIX, um total de quinhentas línguas e dialetos receberam as Escrituras pela primeira vez, chegando ao total de 571 idiomas no fim do século” (SIMON *et al*, 1998, p. 187).

Além da iniciativa de tradução da Bíblia para línguas, naquele momento, minoritárias/vernaculares, outro evento promoveu a mudança de perspectiva em tradução bíblica: as descobertas arqueológicas no final do século XIX e início do século XX de manuscritos de textos bíblicos de tradição alexandrina, mais antigos que os bizantinos conhecidos até então (GEISLER; NIX, 2006; TEIXEIRA; ZIMMER, 2008). A partir desse ponto, além de considerar a tradução bíblica em línguas vernaculares, a discussão se volta para o trabalho com a linguagem, para a escolha do registro linguístico do texto e para outras questões dessa natureza. A análise dos manuscritos descobertos apontou que a variante do grego na qual foram escritos os livros que hoje compõem o Novo Testamento cristão era a coíné, usada pelo povo de forma coloquial (em oposição ao grego clássico). Assim, como explicam Teixeira e Zimmer,

ter a certeza de que os apóstolos e evangelistas escreveram em grego comum despertou nos tradutores o desejo de produzir Novos Testamentos (e Bíblias completas) em linguagem popular, o que demonstra que traduções como a Peshitta e a Vulgata (do século 4 d.C), bem como a tradução de Lutero (do século 16), estavam, de certa forma, à frente de seu tempo. (TEIXEIRA; ZIMMER; 2008, p. 56).

---

Sob a influência desse pensamento sobre o uso da linguagem do povo, instituições como as Sociedades Bíblicas Unidas e a Sociedade Bíblica Americana iniciaram, a partir da década de 1960, a produção de novas traduções bíblicas em linguagem “moderna” ou “contemporânea” em línguas majoritárias. Segundo Teixeira e Zimmer (2008, p. 57), as primeiras traduções bíblicas vulgatas foram: (i) a *Good News for Modern Man*, de 1966, um Novo Testamento em língua inglesa, tradução do Dr. Robert G. Bratcher, vinculado à Sociedade Bíblica Americana. A versão completa da Bíblia, a *Good News Bible*, foi publicada em 1976; (ii) o *Novo Testamento em Linguagem Corrente/Comum*, de 1976, tradução para o português brasileiro, realizada pela Sociedade Bíblica do Brasil. Em 1988 foi lançada a versão integral intitulada *Bíblia na Linguagem de Hoje* e em 2000 foi publicada a edição mais recente, a *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*; e (iii) a *Dios Habla Hoy*, de 1979, tradução para o espanhol realizada pelas Sociedades Bíblicas Unidas.

Atualmente, conforme indica Lima (2019, p. 48-49), há no Brasil pelo menos nove projetos tradutórios bíblicos completos (sem contar as revisões) e um contendo apenas o Novo Testamento. Toda essa diversidade de traduções provoca embates entre os diferentes projetos tradutórios disponíveis no mercado aos leitores; cada um tentando responder a necessidades específicas e melhor se posicionar entre as publicações mais relevantes. A tradução é promovida por várias agências, desde editoras comerciais até instituições de grande porte vinculadas a grupos cristãos, como a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, católica, e a Sociedade Bíblica do Brasil, protestante. Todavia, a mudança de perspectiva não impediu a coexistência de traduções bíblicas tanto “literais” quanto “livres”. Assim, é possível encontrar traduções disponíveis no mercado editorial que vão desde as mais literais, como o Novo Testamento traduzido por Frederico Lourenço (BÍBLIA, 2017; 2018), até às declaradamente paráfrases, como a *A Mensagem: Bíblia em linguagem contemporânea*, traduzida por Eugene Peterson (2011).

119

## **2 Orientações teórico-metodológicas das traduções bíblicas vulgatas**

Baseado em sua experiência como tradutor bíblico, Eugene Nida (1964) sistematizou dois métodos de tradução: o da equivalência formal (atrelado à forma do texto-fonte) e o da equivalência dinâmica ou funcional (atrelado ao sentido do texto-fonte e à forma da língua-alvo). Ele defendeu que o segundo método poderia resolver os problemas de distanciamento que sobrevêm à tradução bíblica e, por isso e desde então, esse método passou a direcionar os projetos tradutórios bíblicos, principalmente os das vulgatas (SCHÄFFER, 2013, p. 238).

---

Sob a influência de Nida, “traduzir a Bíblia de maneira que mesmo pessoas simples e crianças compreendam a palavra de Deus é até hoje um princípio fundamental a ser seguido por tradutores bíblicos, especialmente aqueles inseridos em contextos missionários”, dizem Teixeira e Zimmer (2008, p. 50). Com esse entendimento, tradutores bíblicos empreenderam esforços para que o texto de suas traduções pudesse ser compreendido, nos termos usados por Barnwell (2011, p. 27), de forma “exata” (portando o sentido da mensagem-fonte), “natural” (como se tivesse sido escrito na língua da tradução) e “clara” (sem ambiguidades ou dificuldades linguísticas). Assim, como diria Schleiermacher, o projeto tradutório das bíblias vulgatas tem por meta deixar o leitor o mais tranquilo possível e fazer com que o texto bíblico vá a seu encontro (SCHLEIERMACHER, 2010 [1813]) ou, como diria Venuti (1995), é uma forma de domesticação do texto bíblico.

A visão passa a ser a de que os leitores hodiernos reajam ao texto-alvo da mesma forma que os primeiros destinatários reagiram ao texto-fonte (BARNWELL, 2011, p. 16). Entretanto, tal intenção é, no mínimo, incerta. A reação que os autógrafos bíblicos causaram no público leitor não é passível de ser mensurada. A esse respeito, aliás, Nord (2016) nos lembra que “os receptores do TA [texto-alvo] são diferentes do receptor do TF [texto-fonte] em pelo menos um ponto: são membros de outra comunidade cultural e linguística” (p. 99). Segundo a autora, a intenção de propor uma reação ao texto, no mínimo, similar é válida e faz parte do processo tradutório, mas não pode ser encarada como algo além de uma inferência, concebida a partir de uma série de informações contextuais e situacionais (NORD, 2016, p. 78), principalmente no caso da Bíblia, um texto milenar.

O que se percebe é que a antiga batalha entre forma e sentido na tradução ainda permanece ativa e encontra nessa discussão os seus representantes na tradução bíblica. Contrário aos postulados de Nida, Henry Meschonnic, por exemplo, diz que, em se tratando do hebraico do Antigo Testamento, há, para além do verso e da métrica na Bíblia, o reinado do ritmo, pois, diz ele mesmo: “[...] eu não conheço outro exemplo em que a tal ponto o sentido é construído pelo ritmo e o ritmo pelo sentido” (MESCHONNIC, 2010, p. 242). A crítica do autor gira em torno do que ele chama, em seu contexto, de afrancesamento, cristianização e helenização da tradução (MESCHONNIC, p. 232), ações essas que apagam a oralidade codificada, a estilística das estruturas linguísticas, a semiótica das ações e a poética do ritmo, elementos próprios do texto bíblico (MESCHONNIC, p. 231). Sob a alegação de que a conservação dessas formas causaria estranhamento ao leitor da tradução, elas são suprimidas

---

em obediência aos princípios da equivalência funcional, privando o leitor de contemplar a essência natural (genética) do texto bíblico, ainda de acordo com Meschonnic (2010, p. 230).

As tensões geradas pela defesa de qualquer um desses métodos (ou de outros), ainda que causadas por críticas válidas, apontam para o fato de que os diferentes projetos de tradução são moldados, entre outros fatores, pela forma como os tradutores se relacionam com o texto a ser traduzido (seja do ponto de vista subjetivo, seja do ponto de vista técnico, segundo o contexto de realização da tradução). Assim, em se tratando de projetos de tradução, não há como emitir juízo de valor quanto ao que é certo ou errado. A esse respeito, John Milton explica que

a crítica a Nida feita por Meschonnic resulta de suas visões completamente diferentes da Bíblia. Para Nida, a mensagem é a força motriz da Bíblia; isso sempre tem de ser traduzido, e outras culturas têm de conhecer essa mensagem. Meschonnic considera a Bíblia como obra poética de língua hebraica, e é este elemento que tem de ser enfatizado em uma tradução. (MILTON, 2010, p. 195).

Além de questões linguísticas, há fatores cognitivos que interferem na compreensibilidade do texto a considerar. Segundo adeptos da Teoria da Relevância, os leitores nem sempre possuem conhecimento prévio para acessar as informações do texto e, assim, compreendê-lo. Essa teoria postula que a compreensão de um enunciado por parte do leitor não se dá apenas pela sua destreza com as estruturas morfossintáticas e/ou fonológicas da língua, mas, sobretudo, por acionar pela percepção, memória ou inferência, informações disponíveis em seu ambiente cognitivo. Assim, uma informação se torna relevante quando as novas informações se relacionam com as anteriores e ocorrem processos inferenciais e um efeito cognitivo (GUTT, 2006, p. 37-38).

No caso da Bíblia, em particular, as mudanças linguísticas provocadas pelo método de tradução dinâmica não são suficientes para resolver tal demanda, pois os ambientes cognitivos do leitor-fonte e do leitor-alvo são diferentes, segundo Gutt (2006). Para tal problema, o autor propõe duas alternativas: ajustar a interpretação do texto (como se faz nas paráfrases) ou ajustar o ambiente cognitivo. Para a segunda, ele considera a necessidade do estabelecimento de um “letramento bíblico”, como uma estratégia de comunicação bíblica (GUTT, 2006, p. 49-53). Os elementos paratextuais se prestam a esse papel, principalmente nas traduções que se servem das notas de rodapé para propor abordagens hermenêuticas e/ou para apresentar elementos de cunho contextual, permitindo aos leitores conhecerem informações que faziam parte apenas do ambiente cognitivo do leitor-fonte e não são apreendidas da materialidade linguística do texto.

---

Em razão de tensões dessa natureza, textos religiosos são normalmente colocados sob o rótulo de “textos sensíveis”, conforme Carlos Gohn (2001, p. 147). São assim designados por pelo menos duas razões. A primeira, devido ao grau de influência emocional que esses textos têm sobre seu público. A segunda, porque eles são mais resistentes a mudanças de qualquer natureza, principalmente linguísticas. É a reação de cada leitor ao texto que evidencia essa sensibilidade, pois “a sensibilidade de um texto não está nele, mas na forma como ele é visto. A sensibilidade não é, portanto, uma propriedade imanente do texto” (GOHN, 2001, p. 149). Uma vez que a maior parte dos leitores tem acesso a esses textos por meio da tradução, sua reação pode ser tanto de acolhimento quanto de rejeição. Segundo Gohn,

[...] prevalece na mente de muitos a ideia de que o texto bíblico foi transmitido, palavra por palavra, pela divindade e de que, portanto, a redação (a que já estão acostumados e que, por isso, adquire um caráter de “original”) é intocável. Essa ideia “contamina” o modo como as traduções do texto são vistas. Explica-se assim a dificuldade em se aceitar mudanças, o que provoca resistências muito fortes, às vezes, entre os próprios pesquisadores. (GOHN, 2001, p. 150).

122

Como dito, a resistência de alguns a essa tradução dinâmica ou semântica pode vir de um zelo por aquilo que se entende como sagrado. Essa compreensão pode ser oriunda do que o autor chama de “redação a que estão acostumados”, ou seja, às formas de expressão já consolidadas nas comunidades de fé ou na vivência social permeada por influências bíblicas e que se estabeleceram graças à linguagem utilizada em traduções anteriores. Diante disso, são erguidas barreiras contra aquela que seria considerada a mais ínfima das transgressões; preocupação que não deixa de ter o seu valor e com a qual as equipes de tradução terão sempre que lidar.

### **3 Discussão sobre as relações entre tradução e linguagem em bíblias vulgatas brasileiras**

Diante desse panorama histórico e metodológico, cabe-nos analisar as concepções sobre o fenômeno tradutório e a recepção que permeiam as traduções bíblicas vulgatas. A análise foi realizada com base em excertos de elementos paratextuais encontrados nas traduções e está disposta, conforme os dados, em duas subseções. Por paratexto entende-se as outras produções verbais ou não que acompanham ou reforçam, em caráter de apresentação, visibilidade, recepção e consumo as publicações de obras literárias (GENETTE, 2009, p. 9) e, por extensão, entendemos que contemplam também as publicações de textos traduzidos. De paratextos de bíblias vulgatas, em especial de títulos, prefácios, apresentações e/ou introduções, foram



---

extraídos excertos relacionados à tradução e à linguagem empregada na tradução, os quais foram analisados e discutidos, conforme passamos a apresentar a seguir.

### 3.1 A tradução atualiza o texto

Uma das características do projeto tradutório das bíblias vulgatas é a proposta de tradução em linguagem “contemporânea”, “comum” ou “corrente” (SAYÃO, 2003; TEIXEIRA; ZIMMER, 2008; CARMO; MELO, 2013; GIRALDI, 2013; RAUPP, 2015). Esses adjetivos vêm expressos em forma de autoafirmação, seja no título, seja em outros paratextos. Se atentarmos para os títulos, veremos que alguns deles funcionam como *slogans* desse projeto tradutório. É o caso da *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* (2012), da *A Mensagem: Bíblia em linguagem contemporânea* (2011), da *Nova Bíblia Pastoral* (2014), da *Bíblia Viva* (2010) e da *Nova Versão Transformadora* (2016). As três últimas, por meio dos adjetivos usados (“pastoral”, “viva”, “transformadora”), focam na ideia de que a mensagem bíblica, embora milenar, pode ser acessível a todo aquele que precisa de cuidados e orientação, sendo, ainda, atual e veículo de mudanças na vida do leitor crente dos dias hodiernos. A marca de temporalidade está evidente nas duas primeiras, mas também permeia as demais, tendo em vista que, pelos títulos, apresentam a (tradução da) Bíblia como algo vívido, ativo e relevante na atualidade.

Além disso, há menção a essa característica em outros elementos paratextuais descritivos, como em apresentações e prefácios. Por exemplo, no prefácio à *Nova Versão Internacional*, lê-se que “a NVI define-se como tradução evangélica [...] e contemporânea” (BÍBLIA, 2003, p. xiii). Ainda, a Apresentação da *Nova Versão Transformadora* declara que essa bíblia buscou “usar apenas vocabulário e estruturas gramaticais de uso comum nos dias de hoje” (BÍBLIA SAGRADA, 2016, p. x). Os termos “contemporânea”, “nova” e “hoje” constroem o discurso de que esses projetos tradutórios promovem a vitória do texto bíblico sobre seu distanciamento temporal e ajudam a fomentar a ideia de que a Bíblia não é algo (ultra)passado, mas atual, acessível, alinhado ao momento socio-histórico do leitor graças à tradução.

Consideremos, ainda, que o distanciamento linguístico e histórico seja uma das razões para a produção de novas traduções bíblicas. Foi o caso, por exemplo, da vulgata *Nova Bíblia Viva*, apresentada por seus editores como o resultado da revisão de sua predecessora, a *Bíblia Viva*, publicada integralmente em 1981:

---

Duas razões motivaram esta revisão, empreendida em comum acordo entre a Sociedade Bíblica Internacional e a Editora Mundo Cristão. Em primeiro lugar, a língua portuguesa do Brasil, como todos os idiomas modernos, é dinâmica, e muda de modo incremental e constante de acordo com os hábitos de uso do público que fala, lê, ouve e escreve. Percebemos que na *Bíblia Viva* havia elementos de linguagem já ultrapassados. O que era moderno e comunicativo no início dos anos 1980 já não era necessariamente tão expressivo [...]. (NOVA BÍBLIA VIVA, 2010, p. vii).

124 Tal citação, além de exemplificar a influência da dinamicidade das línguas na produção de novas traduções bíblicas, também instaura a reflexão sobre a efemeridade desses projetos tradutórios. Da mesma forma que determinadas expressões eram “comunicativas” na década de 1980 e já não eram mais quando da publicação da *Nova Bíblia Viva* em 2010, assim também acontecerá com as escolhas que permaneceram da tradução anterior e com as que foram realizadas nesta ocasião daqui a algumas décadas, tornando a *Nova Bíblia Viva*, com licença do trocadilho, “velha”. As línguas estão em constante modificação em todos os aspectos linguísticos: sintático, morfológico, semântico-pragmático, lexical, discursivo etc. Essa constatação permite questionar o que se entende por uma “linguagem de hoje” (caso da *Nova Tradução na Linguagem de Hoje*) ou uma “linguagem contemporânea” (caso de *A Mensagem: Bíblia em linguagem contemporânea*). Diante do que se apresenta, há certo “prazo de validade” nessas traduções expresso desde seus títulos: seja de uma linguagem não perecível (ela sempre permanecerá “de hoje” ou “contemporânea” mesmo décadas após sua publicação), seja de uma linguagem perecível (cujo adjetivo pode ser questionado não muito tempo após sua publicação), variando conforme pensamento do público-alvo.

Além disso, a atualização da linguagem pode acarretar problemas de recepção às respectivas traduções por parte dos (potenciais) leitores. Historicamente, como vimos, as traduções bíblicas em sua maioria foram produzidas seguindo o cunho formal ou erudito de linguagem. Traduções já consagradas historicamente, como a tradução do Pe. Antônio Figueiredo (entre 1772-1790) e a de João Ferreira de Almeida (entre 1681-1753), formaram o que se pode chamar de “linguagem religiosa” brasileira. Em outras palavras, a linguagem empregada nessas traduções, ao longo de séculos de uso nas diversas atividades religiosas, forjou uma consciência linguística nos ouvintes/leitores, os quais, por já muitas vezes lidarem com o texto traduzido como texto original, passaram a relacionar a sacralidade do texto a uma determinada forma de expressão. Segundo Lopes (2008, p. 56), “uma tradução antiga torna-se, portanto, uma base para as demais e constitui-se como o texto sagrado [...]. Por isso, muitos têm dificuldade em aceitar uma nova tradução, mesmo que esta seja mais compreensível e

---

corresponda mais à realidade linguística atual”. Nesse cenário, a linguagem religiosa lida com a tensão causada por possíveis associações das traduções a um caráter sagrado ou profano, pois

o desejo do receptor de preservar a linguagem antiga parece, sim, demonstrar a ideia de distanciamento do que é vulgar. Assim a linguagem antiga e incomum identifica-se com o sagrado, e, em contrapartida, a linguagem comum e vulgar [contemporânea] relaciona-se com o profano. (LOPES, 2008, p. 58).

Há de se considerar, então, a influência do “discurso religioso”, o qual imprime a ideia de que a dificuldade de compreensão e a erudição da linguagem presentes em traduções bíblicas antigas e de forte tradição são características inerentes ao texto bíblico, concedendo-lhe o caráter de sagrado. Nesse cenário, as características dos projetos tradutórios de bíblias vulgatas estão em condição de oposição à manutenção desse discurso e de desvantagem frente à força que possui a tradição. Assim, enquanto iniciativas que visam a confrontar essa tradição, as bíblias vulgatas poderão ser, *a priori*, rejeitadas, conforme indica Gohn (2001). Junto, então, à dinamicidade das línguas e conseqüentemente à efemeridade das traduções, o apreço à tradição e à linguagem religiosa, quando existente, se configuram, assim, como outras ameaças à sobrevivência de traduções bíblicas vulgatas. Nesse caso, as estratégias tradutórias das bíblias vulgatas têm pouca força, embora a expressiva produção quantitativa de projetos diversos mostre a persistência do mercado editorial nessa luta.

125

### **3.2 A tradução facilita a experiência leitora**

Além da promessa da linguagem “contemporânea”, as traduções bíblicas vulgatas trazem consigo outro discurso: o de que o trabalho com a linguagem não se limita apenas à atualização da mensagem do texto bíblico, mas também envolve a sua apresentação a fim de torná-la mais compreensível ao leitor. A *Nova Bíblia Viva* declara sobre si mesma ter sido concebida em “linguagem simplificada e de fácil compreensão”, sendo a nova versão “tão simples e fácil de entender como sempre” (NOVA BÍBLIA VIVA, 2010, p. vii). Semelhantemente, a *Bíblia Sagrada de Aparecida* apresenta-se “numa linguagem que o leitor simples possa entender” (BÍBLIA SAGRADA DE APARECIDA, 2006, p. 3), o tradutor da *Bíblia Judaica Completa* deseja que ela seja “acessível e de fácil leitura, e que flua com facilidade da página para a mente e o coração” (STERN, 2010, p. 18) e a *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* se coloca como “sendo a expressão da Palavra de Deus na linguagem simples do povo” (BÍBLIA, 2012, p. iv).

---

É preciso destacar que as informações sobre um projeto tradutório que visa a uma tradução em linguagem “simples”, “de fácil compreensão” não são claras, pois não há explicação por parte das edições dessas obras sobre os critérios que estabelecem o que seja uma linguagem facilmente compreensível. Esse discurso pode revelar que, a partir de expressões genéricas, a equipe editorial não tenha tido o intento de informar tais detalhes sobre a tradução. A forma como os propósitos da tradução são apresentados parece, antes, uma estratégia de marketing editorial do que de conscientização de leitores (de tradução). É possível que o projeto tradutório seja assim exposto numa tentativa de aproximar o leitor da obra sob o argumento de esta estar adequada a uma linguagem acessível àquele. Contudo, é inegável que houve algum grau de preocupação na equipe de tradução com a acessibilidade dos seus leitores ao texto, não tão evidente nas demais traduções em circulação no mercado. Isso se verifica mesmo que as vulgatas tenham promovido formas de homogeneização das variantes linguístico-culturais, necessária em nome de uma “língua comum”. Para Vilson Scholz, editor da Sociedade Bíblica do Brasil, esse é um problema inerente a projetos de tradução desse tipo. Diz ele:

126

Também se poderia fazer a crítica de que a tal “língua comum” é uma abstração, um meio-termo, um tamanho único que serve a todos, mas que não é, a rigor, o tamanho exato de ninguém. Quem faz a crítica precisa saber, porém, que o princípio de “língua comum” traz esse problema embutido. Não poderia ser diferente. (SCHOLZ, 2013, p. 135).

Diante de um país de proporções continentais e de rica diversidade linguística como o Brasil, o estabelecimento da “língua comum” é vital para regular as estratégias e decisões tradutórias dentro da equipe e fornecer aos leitores uma experiência de leitura sem maiores estranhamentos com a linguagem. Na prática, o que se pode inferir a respeito dessa noção é o produto da análise das estratégias de tradução empregadas em diferentes exemplares dessas bíblias. Em seu trabalho de descrição do projeto tradutório das bíblias vulgatas brasileiras, Lima identifica as seguintes estratégias tradutórias:

a clarificação de ideias, a mais abundante delas, principalmente quanto à tradução de termos de cunho teológico ou de vocábulos pertencentes ao contexto discursivo bíblico, mas, também, quanto à explicitação de ideias implícitas no texto; alterações formais quanto à estrutura do texto e à ordem das frases, preferindo a ordem direta e a segmentação de períodos compostos do grego em períodos simples, agindo até mesmo na ordem dos versículos se necessário; uso de parentetizações explicativas; inclusão de recursos coesivos para ordenar o discurso; e promoção de inclusão na tradução ao usar termos genéricos para se referir à humanidade em geral ao invés do uso de termos masculinos como “homens”. (LIMA, 2019, p. 113-114).

A partir dos resultados do autor, entende-se, então, que a linguagem pode ser “facilitada” e/ou tornada “mais compreensível” via modificações linguísticas de ordem estrutural, principalmente sintáticas e léxico-semânticas. Numa demonstração de exemplos, a tabela abaixo apresenta traduções da passagem de *Romanos 5:9* de duas bíblias vulgatas protestantes (a *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* e a *Bíblia Judaica Completa*) comparadas à tradução de uma bíblia da mesma vertente cristã considerada formal/erudita (a *Almeida Revista e Atualizada*):

Quadro 1 – Traduções de Romanos 5: 9

Texto-fonte	Texto literal <sup>3</sup>	Almeida Revista e Atualizada (BÍBLIA SAGRADA, 2009, p. 1140)	Nova Tradução na Linguagem de Hoje (BÍBLIA SAGRADA, 2012, p. 1144).	Bíblia Judaica Completa (STERN, 2010, p. 1396)
<p>Πολλῶ οὖν μᾶλλον, <u>δικαιοθέντες</u> νῦν ἐν τῷ <u>αἵματι</u> αὐτοῦ, <u>σωθησόμεθα</u> δι' αὐτοῦ ἀπὸ τῆς ὀργῆς (SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL, 2004, p. 579)</p>	<p>Portanto, muito mais, (depois de) <u>justificados</u> agora pelo <u>sangue</u> dele, seremos <u>salvos</u> através dele para fora/longe da <u>ira</u>.</p>	<p>Logo muito mais agora, sendo <u>justificados</u> pelo seu <u>sangue</u>, seremos por ele <u>salvos</u> da <u>ira</u>.</p>	<p>E, agora que fomos <u>aceitos por Deus</u> por meio da <u>morte de Cristo na cruz</u>, é mais certo ainda que ficaremos <u>livres</u>, por meio dele, do <u>castigo de Deus</u>.</p>	<p>Portanto, pelo fato de agora sermos <u>considerados justos</u> mediante o <u>sangue da morte decorrente do sacrifício</u>, quanto mais seremos <u>libertados da ira do juízo de Deus</u>, por meio dele!</p>

Fonte: elaborado pelo autor.

Algumas das estratégias elencadas por Lima (2019) são identificadas nos exemplos da tabela. As expressões sublinhadas no texto-fonte e na tradução literal são conceitos teológico-doutrinários: justificação, morte (expiatória), salvação e ira (de Deus). A *Almeida Revista Atualizada* (2009) traduziu cada vocábulo em grego por um vocábulo correspondente em português, semelhante à tradução literal que apresentamos. É interessante notar que, na bíblia erudita, informações contextuais implícitas ao texto-fonte permanecem implícitas no texto-alvo: a permanência do conceito de justificação, a menção ao sangue sem esclarecer sua razão/modo e a omissão do possuidor da ira mencionada. Isso conduz à hipótese de que tais ideias poderiam fazer parte dos referenciais contextuais dos primeiros destinatários. Uma vez que as vulgatas têm um propósito também evangelístico, é preciso dar ao destinatário hodierno todas as informações necessárias para preencher as lacunas de compreensão e encurtar os distanciamentos linguístico, histórico e temporal.

---

Dessa forma, na contramão da *Almeida Revista e Atualizada* (2009), as duas traduções vulgatas, mediante recurso da clarificação, trazem à tona as ideias implícitas. A *Bíblia Judaica Completa* (2010) esclarece ao seu leitor o significado teológico da doutrina da justificação, traduzindo o termo por “considerado justo”, enquanto a *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* (2012) opta pela noção de “ser aceito por Deus”, a consequência paralela a ser “considerado justo”, estando ambas as opções de acordo com as acepções do termo em grego (LOUW; NIDA, 2013, p. 662). Também, ambas as traduções evidenciam a nuance sacrificial implícita no texto-fonte ao termo “sangue”. A *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* (2012) chega a omitir o termo, preferindo a imagem da “morte de Cristo na cruz”, enquanto a *Bíblia Judaica Completa* (2010) explica que o “sangue” é “decorrente do sacrifício”. No primeiro caso, o apelo à imagem da crucificação serve para ressaltar o fato sobre o elemento, mais importante conforme a doutrina cristã (afinal, o leitor desavisado poderia indagar: “Se era só o sangue, por que precisou ser crucificado?”). No segundo, em se tratando de uma tradução para uma comunidade judaico-messiânica, ao marcar que o sangue é “decorrente do sacrifício” estabelece-se uma ligação referencial aos sacrifícios judaicos feitos pelo perdão dos pecados, descritos nos livros que compõem o Antigo Testamento da Bíblia, os quais prefiguravam, segundo a doutrina cristã, o sacrifício do Cristo descrito nos livros que formam o Novo Testamento. Finalmente, o conceito teológico de salvação é apresentado nas traduções vulgatas como uma “libertação”, seja do “castigo de Deus” (*Nova Tradução na Linguagem de Hoje*), seja da “ira do juízo de Deus” (*Bíblia Judaica Completa*). No contexto anterior à passagem em análise, o texto bíblico de *Romanos* já esclarece, desde o capítulo 1º, a natureza dessa ira que está sobre os homens. As duas traduções apenas retomam a informação na passagem em questão. Por meio desses exemplos, evidenciar ideias implícitas parece ser uma forma de apelar aos referenciais cognitivos e à memória de curto prazo do leitor, ajudando-o melhor encadear as ideias, sendo também um recurso didático pertinente aos leitores em iniciação à leitura bíblica.

De acordo com Nord (2016), a função do texto traduzido é definida pela situação comunicativa na qual se insere. Por essa razão, os tradutores bíblicos podem estar, no presente, em vantagem em relação aos autores do texto-fonte quanto ao trabalho dedicado à clareza do texto, pois

em vista dessa estrita orientação voltada ao público, pode muito bem ser que os tradutores tenham informações mais detalhadas sobre ‘seu’ público do que o próprio autor, considerando que os leitores podem ser encontrados não apenas na cultura fonte, mas, no caso de uma tradução posterior, também nas respectivas culturas alvo. (NORD, 2016, p. 30).

---

Nessa linha de pensamento, os tradutores têm maior domínio sobre a recepção da tradução do que os autores tiveram quando da produção do texto-fonte. As estratégias escolhidas pelas equipes de tradução da *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* (2012), a qual visa à evangelização e a iniciação à leitura bíblica, e da *Bíblia Judaica Completa* (2010), a qual é direcionada especificamente ao público judaico-messiânico, foram empregadas visando alcançar tais objetivos e se prestam a responder, assim, às necessidades do público-alvo delimitado, usando estruturas linguísticas relacionadas a ele e adequadas à compreensão do texto por ele. A existência das bíblias vulgatas evidencia, dessa forma, a natureza complexa do fenômeno tradutório e a heterogeneidade da tradução de textos religiosos, levando ao desenvolvimento de projetos tradutórios que atendam a públicos diferentes, em contextos diferentes, ou que possibilitem o acesso ao texto bíblico (ainda que para iniciação) àqueles que nunca ou pouco tiveram contato com ele.

Todavia, defensores do aspecto estilístico do texto pensam que essa facilitação da linguagem em prol do leitor é indevida. Para eles, toda tentativa de facilitação da compreensão da mensagem por meio da tradução macula o que chamam de alteridade do texto. Por exemplo, segundo Konings (2009, p. 115), esse tipo de linguagem “[...] tira da Bíblia sua estranheza [e] leva, paradoxalmente, a mal-entendido. Ler a Bíblia é, num certo sentido, esotérico, algo que exige iniciação. Desde seus inícios, a linguagem bíblica sempre foi estranha”. Ou seja, privar o leitor dessa estranheza significa, na visão do autor, não lhe permitir compreender o texto em seu aspecto natural (um dos objetivos do projeto tradutório das vulgatas) nem fazer os “deslocamentos mentais” necessários à compreensão de textos de gêneros diversos. Nesse caso, preferir-se-ia a *Almeida Revista e Atualizada* (2009). Konings apresenta seu argumento nos termos a seguir:

Então, a Bíblia não deve ser fácil? Uma tradução deve respeitar o nível linguístico do público alvo, mas isso não quer dizer que ela deva ser fácil. Não deve criar obstáculos linguísticos desnecessários, mas deve transmitir seu mundo e mensagem, que talvez sejam difíceis ou exigentes de per si. A essa dificuldade intrínseca a tradução não precisa acrescentar dificuldades linguísticas extrínsecas, mas deve levar o leitor/ouvinte a enfrentá-la. (KONINGS, 2009, p. 116).

O posicionamento de Konings aponta para o fato de que a compreensão do texto bíblico não se dá apenas em razão da linguagem empregada, mas também pelo conteúdo e contexto de sua situação de produção. Por essa razão, ele advoga em prol da importância de o leitor estar envolvido em alguma comunidade de fé, na qual encontrará auxílio hermenêutico para sanar dificuldades de compreensão do texto, provocadas ou não pela tradução (KONINGS, 2009, p.

---

112). Todavia, conforme se apresentam, as bíblias vulgatas preocupam-se com a democratização do acesso ao texto bíblico por meio dessa linguagem “facilitada”, muitas vezes por meio da leitura individual. Ao invés de ser encarado como um trabalho que desprestigia a riqueza literária da Bíblia, acreditamos que isso pode ser visto, na verdade, como uma ferramenta para a própria “iniciação” da qual fala o autor. Ao produzir uma tradução bíblica de leitura (e não de estudo), Eugene Peterson argumenta que “haverá, posteriormente, tempo bastante para estudo. Mas, primeiro, é importante simplesmente ler, descansada e pensativamente” (PETERSON, 2011, p. 11). Voltamos, assim, ao já citado confronto entre modos de apropriação do texto bíblico influenciando o pensamento sobre a tradução, como vimos nas diferenças entre Nida e Meschonnic.

### **Considerações finais**

Essa pesquisa se propôs a analisar as concepções sobre o fenômeno tradutório e a relação dele com a linguagem presente nos projetos tradutórios de bíblias vulgatas brasileiras. A análise de excertos de elementos paratextuais permitiu-nos constatar a predominância de dois discursos. O primeiro é o de que esses projetos tradutórios promovem a vitória do texto bíblico sobre seu distanciamento temporal e ajudam a atualizar a linguagem bíblica. Porém, cabe indicar que a dinamicidade das línguas e o confronto causado entre a linguagem “contemporânea” e a “tradicional” já consolidada na consciência linguística dos leitores/ouvintes da Bíblia ameaçam a sobrevivência de tais traduções. O segundo discurso é o de que a leitura da Bíblia pode ser facilitada pela linguagem empregada na tradução. Na tentativa de democratizar o acesso ao texto bíblico, as equipes de tradução lançam mão de estratégias que visam à simplificação da linguagem em nome de uma “língua comum”, “facilitada”, que torne o texto bíblico compreensível. Por um lado, a busca por esse registro comum tanto aos leitores mais letrados quanto aos de menor grau de escolaridade promove a democratização do acesso ao texto bíblico. Por outro lado, porém, essa intenção acaba gerando uma problemática quanto à recepção do texto, pois motiva a produção de uma tradução bíblica cuja linguagem se propõe acessível a todos, mas que, ao mesmo tempo, pode não ser reconhecida por ninguém em específico.

Os dados aqui recolhidos, analisados e apresentados podem ser ampliados a partir de pesquisas complementares. Uma delas é a investigação da recepção dessas traduções frente ao público-alvo, visando observar se as intenções das equipes de tradução se concretizam, de fato, junto aos leitores e se o propósito dessas traduções está sendo alcançado. É possível, também,



---

investigar o registro linguístico empregado nessas traduções de um ponto de vista sincrônico e diacrônico da língua a fim de estabelecer em que medida ele é, de fato, registro comum e contemporâneo. Do ponto de vista prático, os resultados lançam um desafio às próximas traduções vulgatas: posicionar-se ou não a favor de uma conscientização do público-alvo a respeito das questões envolvidas na tradução, dando maior visibilidade aos diferentes elementos envolvidos no processo e formando leitores não só da Bíblia, enquanto texto, mas também de traduções da Bíblia, capazes de entender aspectos ligados ao processo de tradução e que variam de um projeto a outro.

Concluimos este trabalho na expectativa de ter contribuído para o desenvolvimento da reflexão teórico-metodológica dos estudos voltados à tradução bíblica. Entendemos que há muito a ser discutido sobre o assunto a fim de mediar diálogos entre leigos e especialistas em Estudos da Tradução e Teologia, por exemplo, e munir o público leitor/consumidor dessas bíblias com algum grau de conhecimento especializado para que as críticas não sejam pautadas apenas em senso comum ou preferências subjetivas. Que este trabalho lance alguma luz sobre o assunto, é a nossa intenção final.

131

## REFERÊNCIAS

- BARNWELL, Katharine. *Tradução bíblica: Um curso introdutório aos princípios básicos de tradução*. 3. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil; Anápolis: Associação Internacional de Linguística, 2011.
- BÍBLIA. *Volume I Novo Testamento: os quatro Evangelhos*. Tradução do grego, apresentação e notas por Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- BÍBLIA. *Volume II Novo Testamento: Apóstolos, Epístolas, Apocalipse*. Tradução do grego, apresentação e notas por Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em português por: João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.
- BÍBLIA SAGRADA. Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.
- BÍBLIA SAGRADA. Nova Versão Transformadora. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2016.
- BÍBLIA SAGRADA DE APARECIDA. Traduzido por: Pe. José Raimundo Vidigal. Aparecida: Editora Santuário, 2006.
- CARMO, Felipe; MELO, Ketlin. A Bíblia na linguagem de Hoje. In: TORRES, Milton L.; HOSOKAWA, Elder; SCHÄFFER, Ana M. de M.; AGUIAR, Adenilton T (orgs.). *Sermo*

---

*Vulgaris*: a jornada das traduções da Bíblia de volta à língua do povo. Cachoeira: CePLiB, 2013. p. 259-273.

FURLAN, Mauri. A teoria de tradução de Lutero. In: ENDRUSCHAT, Annette; SCHÖNBERGER, Axel. *Übersetzung und Übersetzen aus dem und ins Portugiesische*. Frankfurt am Main: Domus Editoria Europaea, 2004. p. 11-21.

GEISLER, Norman; NIX, William. *Introdução bíblica: como a Bíblia chegou até nós*. Traduzido por: Oswaldo Ramos. São Paulo: Editora Vida, 2006. Tradução de: *From God to us: how we got our Bible*.

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Traduzido por: Álvaro Faleiros. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. Tradução de: Seuils.

GIRALDI, Luiz Antônio. *História da Bíblia no Brasil*. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

GOHN, Carlos Alberto. Pesquisa em torno de textos sensíveis: os livros sagrados. In: PAGANO, Adriana Silvina (org.). *Metodologias de pesquisa em Tradução*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2001. p. 147-170.

132

GUTT, Ernst-August. Teoria da Relevância e tradução: em busca de um novo realismo para a tradução da Bíblia. In: ALVES, Fábio; GONÇALVES, José Luiz (org.) *Relevância em tradução: perspectivas teóricas e aplicadas*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006, p. 35-55.

KONINGS, Johan. Tradução e traduções da Bíblia no Brasil. In: GOHN, Carlos; NASCIMENTO, Lyslei. *A Bíblia e suas traduções*. São Paulo: Humanitas, 2009. p. 103-126.

LIMA, Francinaldo de Souza. *Bíblia, vulgo “Palavra de Deus”*: o projeto tradutório de bíblias vulgatas brasileiras. 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

LOPES, Mariú Moreira Madureira. *A sensibilidade na tradução bíblica: aspectos linguísticos e socioculturais*. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2008.

LOUW, Johannes; NIDA, Eugene. *Léxico grego-português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos*. Traduzido por: Vilson Scholz. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013. Tradução de: *Lexical Semantics of the Greek New Testament*.

MESCHONNIC, Henri. *Poética do traduzir*. Traduzido por: Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010. Tradução de: *Poétique du traduire*.

MILLER, S. M; HUBER, R. V. *A Bíblia e sua história: o surgimento e o impacto da Bíblia*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.

MILTON, John. *Tradução: teoria e prática*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

---

NAMA, Charles Atangana; ABRAMOWSKI, Anneliese; HORGUELIN, Paul; NINTAI, Moses Nunyi; WEISSBROD, Rachel; WOLLIN, Lars; WOODSWORTH, Judith. Os tradutores na história. In: DESLILE, Jean & WOODSWORTH, Judith (orgs.). *Os tradutores na História*. Traduzido por: Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1998. p. 37-75. Tradução de: *Translators through history*.

NIDA, Eugene E. *Toward a Science of Translating*. Leiden: Brill, 1964.

NORD, Christiane. *Análise textual em tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática*. Coordenação da tradução e adaptação de Meta Elisabeth Zipser. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2016. Tradução de: *Text Analysis in Translation*.

NOVA BÍBLIA PASTORAL. São Paulo: Editora Paulus, 2014.

NOVA BÍBLIA VIVA. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

PETERSON, Eugene H. *A Mensagem: Bíblia em Linguagem Contemporânea*. São Paulo: Editora Vida, 2011.

RAUPP, Marcelo. *A história da transmissão e da tradução da Bíblia em nível mundial e no Brasil e as marcas ideológicas nas primeiras traduções brasileiras completas dessa obra*. 2015. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

SAYÃO, Luiz Alberto Teixeira. *NVI: a Bíblia do século 21*. 2. ed. São Paulo: Editora Vida, 2003.

SCHÄFFER, Ana Maria de Moura. As traduções da Bíblia e as teorias da tradução. In: TORRES, Milton L.; HOSOKAWA, Elder; SCHÄFFER, Ana M. de M.; AGUIAR, Adenilton T (orgs.). *Sermo Vulgaris: a jornada das traduções da Bíblia de volta à língua do povo*. Cachoeira: CePLiB, 2013. p. 231-248.

SCHLEIERMACHER, Friedrich Daniel Ernst. Sobre os diferentes métodos de tradução. Tradução de Celso R. Braida. In: HEIDERMAN, Werner (org.). *Clássicos da Teoria da Tradução: antologia bilíngue alemão-português*. 2. ed. Florianópolis: PGET/UFSC, 2010 [1813]. 1 v. p. 37-101.

SCHOLZ, Vilson. O desafio da tradução bíblica para o Português hoje. *Série Monográfica de Ciência das Religiões – coleção (Re)pensar a Religião*, Lisboa, p. 121-139, nov. 2013. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/seriemonograficacienciadasreligi/article/view/3959>. Acesso em: 4 set. 2020.

SIMON, Sherry; BRATCHER, Robert; BUTOROVIC, Amila; KAUFMANN, Francine; KHAMMAS, Achmed; PEZZINI, Domenico; SHARMA, Arvind. Os tradutores e a difusão das religiões. In: DESLILE, Jean & WOODSWORTH, Judith (orgs.). *Os tradutores na História*. Traduzido por: Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1998. p. 169-197. Tradução de: *Translators through history*.

---

STERN, David H. *Bíblia Judaica Completa: o Tanakh [AT] e a B'riHadashah [NT]*. Traduzido por: Rogério Portella, Celso Eronildes Fernandes. São Paulo: Editora Vida, 2010.

TEIXEIRA, Paulo; ZIMMER, Rudi. Traduções da Bíblia: história, princípios e influência. In: SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. *Manual do Fórum de Ciências Bíblicas*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008. p. 41-70.

VENUTI, Lawrence. *The translator's invisibility: a history of translation*. London: Routledge, 1995.

---

<sup>1</sup> “Concepções” e “discursos” são tomados neste texto como termos intercambiáveis, expressando o sentido de “ideia”, “daquilo que é dito sobre algo”, uma vez que não nos atemos a nenhuma teoria do discurso específica como aporte teórico e/ou de análise

<sup>2</sup> O paralelo entre a hegemonia da *Vulgata Latina* durante a Idade Média e a noção de “não tradução”, por ter sido considerada a Bíblia oficial da Igreja Católica Romana, foi enunciada pelo Prof. Dr. João Lupi (UFSC), em sua fala na mesa-redonda intitulada *Traduzindo o sagrado: fronteiras linguísticas*, proferida em 21 de novembro de 2017, por ocasião do 3º Simpósio Sul da Associação Brasileira de História das Religiões, sediado na Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>3</sup> Tradução nossa.

#### NOTA DO AUTOR

Francinaldo de Souza LIMA – Mestre em Estudos da Tradução (2019) pela Universidade Federal de Santa Catarina. Graduado em Letras Língua Portuguesa e Língua Francesa (2016) pela Universidade Federal de Campina Grande. Brasília, Distrito Federal, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4484-2157>

Currículo acadêmico: <http://lattes.cnpq.br/1992615624857566>

E-mail: francinaldodesouza@gmail.com